



O TUIUTI



**ÓRGÃO DE DIVULGAÇÃO DAS ATIVIDADES DA ACADEMIA DE
HISTÓRIA MILITAR TERRESTRE DO BRASIL/RIO GRANDE DO SUL (AHIMTB/RS)
- ACADEMIA GENERAL RINALDO PEREIRA DA CÂMARA -
E DO INSTITUTO DE HISTÓRIA E TRADIÇÕES DO RIO GRANDE DO SUL (IHTRGS)**

150 anos da 1ª Batalha de Tuiuti – 400 anos da fundação de Belém do Pará

ANO 2016

Janeiro

Nº 160

AS FORÇAS DA COMMONWEALTH NA GUERRA DA COREIA

Adaptado de SANDLER, Stanley. **A Guerra da Coreia**. Rio de Janeiro: BIBLIEx, 2009.
Por Carlos Daróz

INTRODUÇÃO DO EDITOR – Com informações do historiador Dr. David R. Mets

Ao final da 2ª Guerra Mundial, com o fim do domínio japonês, houve um vazio de poder na Coreia. Ao sul do paralelo 38º N, os EUA ocupavam o território. Ao Norte, os soviéticos mantinham a ocupação militar. Em agosto de 1948 foi oficialmente instalada a República da Coreia (Sul) e a 8 de setembro do mesmo ano foi instalada a Coreia do Norte com o nome de República Democrática Popular da Coreia. Em 25 de junho de 1950, a Coreia do Norte invadiu a do Sul, começando assim a Guerra da Coreia.

Em 1882, os Estados Unidos firmaram com a Coreia um Tratado de Amizade, Navegação e Comércio. Mais tarde, desdobraram um grupo militar de auxílio à península, para ajudar a treinar o exército coreano. Os interesses chineses e japoneses na área frequentemente entravam em conflito, e os coreanos vez por outra tentaram usar os Estados Unidos como contrapeso a um ou a outro. Embora a Rússia tivesse interesse na Coreia, perdera a Guerra Russo-Japonesa, em 1905, permitindo que o Japão dominasse a Coreia até 1945.

Em 1º de outubro de 1949, os comunistas chineses venceram os nacionalistas. Os comunistas chineses vinham travando uma longa batalha contra as forças nacionalistas de Chiang Kai-Chek, desde muito antes de Pearl Harbor, e não perderam de vista essa batalha durante a guerra. Logo depois de Hiroshima ter sido bombardeada e de terem saído os japoneses do território continental asiático, os comunistas novamente foram capazes de concentrar-se em sua luta interna. Embora o Presidente Truman tenha evitado envolver-se com o conflito e tivesse vencido a eleição de 1948 por pequena margem, foi-lhe imputada a culpa pela queda dos nacionalistas chineses e a criação da República Popular da China (RPC), em 1949. Entrementes, nos estágios iniciais da Guerra Fria, as coisas iam de mal a pior na Europa – prioridade 1 da administração em termos de defesa. Era de fato pouca a probabilidade de vitória do Partido Democrata na eleição de 1952.

Em um discurso de 12 de janeiro de 1950, ao National Press Club, o Secretário de Estado Dean Acheson definiu os interesses nacionais dos Estados Unidos no Pacífico e deu a entender que a Coreia estava fora desses interesses, desenhando o perímetro defensivo pelas ilhas ao largo das costas asiáticas. Muitos argumentam que a definição dos interesses dos Estados Unidos apresentada por Acheson deu aos comunistas a luz verde para invadirem a Coreia do Sul.

Em 25 de junho de 1950 os coreanos do norte invadem a Coreia do Sul. A fase inicial da guerra foi de triunfo para os norte-coreanos, que quase impeliram as forças das Nações Unidas (ONU) para o mar. A derrota esteve próxima e alguns oficiais proeminentes do Exército atribuíram aos esforços da recém-criada Força Aérea dos Estados Unidos ter sido impedido esse resultado. Inicialmente, as forças de ocupação eram as únicas unidades de terra e ar disponíveis ao General do Exército Douglas MacArthur. A missão delas tinha sido restringida à defesa do Japão, o que limitava o seu treinamento e seu equipamento. Os aviadores só tinham interceptadores a jato de pequeno raio de ação e sido treinados em operações defensivas de supressão dos meios aéreos inimigos (DCA – [*defensive counterair*]) – não tinham sido treinados na condução de operações de ataque ao solo. De maneira semelhante, os soldados eram limitados em seu treinamento e equipamento.

Contudo, enquanto as forças das Nações Unidas estavam sitiadas no Perímetro de Pusan, MacArthur executou uma manobra de envolvimento do flanco direito comunista por meio de um desembarque anfíbio em Inchon a 15 de setembro de 1950. Embora ele tivesse levado esta ação a efeito diante de uma atitude de dúvida da Junta de Chefes de Estado-Maior, teve um êxito brilhante. As forças norte-coreanas foram interceptadas e ficaram entre o VIII Exército, procedente de Pusan, e o 10º Corpo-de-Exército, que impedia sua retirada, em uma investida na direção leste, desde Inchon e através de Seul. Aproveitando-se do ímpeto das operações, o Presidente Truman e as Nações Unidas mudaram os objetivos da simples restauração do status quo para a reunificação da Coreia à força. Os soldados de MacArthur atacaram em direção norte, acreditando que tudo estaria terminado na época do Natal.

Em 26 de novembro de 1950 a República Popular da China entra na Guerra da Coreia. Os comunistas chineses haviam enviado alguns sinais claros – especialmente vistos em retrospecto – de que a aproximação do exército da ONU à fronteira do rio Yalu, entre a Coreia e a China, não seria tolerada. Não obstante estes sinais, MacArthur pareceu surpreso quando a China entrou na guerra lançando uma ofensiva maciça cujo objetivo se localizava entre o VIII Exército, a oeste, e o 10º Corpo-de-Exército, a leste. Logo as forças da ONU encontraram-se em retirada desordenada, que não terminou até que estivessem ao sul do paralelo 35, a linha anterior à guerra. O Gen Ealton H. Walker, comandante do VIII Exército, morreu em acidente por volta do Natal e o Gen Matthew B. Ridgway assumiu o comando e lançou a contra-ofensiva.

Em 11 de abril de 1951 ocorreu a exoneração do Gen MacArthur. O Presidente Truman tinha a preocupação de que os soviéticos poderiam tirar vantagem do comprometimento dos Estados Unidos na Coreia e invadir a Europa Ocidental, ação que poderia, em seguida, escalar para converter-se na Terceira Guerra Mundial e uso de armas nucleares. O General MacArthur, embora ainda fosse popular nos Estados Unidos, estava perdendo a confiança dos aliados e agia de um modo que ultrapassava a autoridade que tinha, o que ocorreu com frequência suficiente para levar o presidente Truman a exonerá-lo. A guerra ficou estagnada nas cercanias do centro da península da Coreia e, aprofundando-se o impasse, as Nações Unidas voltaram a seu objetivo inicial: o restabelecimento do status quo.

Em 23 de junho de 1951 ocorreu a proposta de cessar-fogo soviética. Baseados nessa proposta os dois lados encontraram-se na mesa de negociações. Embora a luta continuasse, cada lado só preparava ofensivas relativamente de pequena escala. O progresso em direção ao armistício foi dificultado por um grande número de pequenos pontos de discordância. Contudo, no final, foi a repatriação dos prisioneiros de guerra (PG) – forçando os soldados libertados a voltar a suas casas – que delongou um acordo por muitos meses. O Presidente Syngman Rhee transformou isto em questão irrelevante quando libertou diversos milhares de PG norte-coreanos, que desapareceram, em seguida, no panorama da Coreia do Sul.

Em 27 de julho de 1953, finalmente, houve o Armistício da Guerra da Coreia. O acordo a que se chegou foi mais ou menos o que havia sido desejado pelas Nações Unidas no começo: um status quo próximo ao centro da península coreana. A guerra também tinha aumentado o prestígio da ONU, havia tornado a OTAN mais forte e havia mostrado aos soviéticos que havia limites para sua expansão sem guerras. Além disso, a RPC se havia revelado uma grande potência, detendo os exércitos das Nações Unidas antes que eles alcançassem suas metas maiores.

Texto principal – Carlos Daróz



Depois dos sul-coreanos e dos americanos, as forças britânicas do *Commonwealth* (chegadas pela primeira vez no combate em 13 de novembro de 1950) representaram a maior contribuição em efetivos combatentes para o Comando das Nações Unidas (UNC) e, mais uma vez depois dos EUA, foram as primeiras a desembarcar na Coreia.

O governo trabalhista do Primeiro-Ministro Clement Atlee pareceu mais preocupado em evitar que os americanos embarcassem em alguma espécie de "cruzada" anticomunista contra a República Popular da China do que em defender uma vítima de agressão. Na realidade, os comandantes das forças singulares do Reino Unido só com

muita relutância concordaram com a decisão do primeiro-ministro, por julgarem que as Forças Armadas de seu país estavam muito dispersas e diluídas na ocasião.

Os australianos

A contribuição da Austrália, considerando sua população, foi maior que a de qualquer outro aliado do UNC, excetuando-se, é claro, a dos Estados Unidos e a da própria Coreia do Sul (ROK). Tal comprometimento foi compreensível considerando que a Austrália é relativamente próxima da península coreana, mais próxima, aliás, do que qualquer outro aliado do UNC, salvo a Tailândia.

Além do mais, aquela nação do *Commonwealth* ainda tinha recentes lembranças dos bombardeios nipônicos que sofrera no início da 2ª Guerra Mundial; a Coreia e o Japão são quase equidistantes da Austrália. Nos anos imediatamente pós-guerra, a Austrália havia reorientado sua política de defesa para a linha dos Estados Unidos e passara a dar muito mais atenção à Ásia.



O 77º Esquadrão da *Royal Australian Air Force*, equipado com caças a pistão Mustang P-51, foi a primeira unidade, não americana e não coreana do sul, a entrar no conflito; ele encontrava-se sediado no Japão como integrante da 5ª Força Aérea da USAF e, portanto, estava familiarizado com os procedimentos americanos para a guerra

P-51 Mustangs do 77º Esquadrão da RAAF durante a Guerra da Coreia

aérea. Os aviadores australianos prestaram valiosíssima ajuda para a defesa do Perímetro de Pusan, assim como durante todo o conflito armado.

A Austrália também enviou um batalhão de infantaria, o 3º do *Royal Australian Regiment*, que entrou em ação em 5 de novembro de 1950. O 3º operou então como retaguarda das forças americanas e sul-coreanas que se retiraram da Coreia do Norte e, mais tarde, investiu sobre Seul na contraofensiva da ONU do início de 1951. Como parte da 27ª Brigada da Grã-Bretanha e apoiado pelo batalhão de infantaria canadense e pelo regimento de artilharia de campanha neozelandês, o 3º derrotou os chineses em uma importante operação em Kapyong. O primeiro comandante do batalhão australiano, combatendo, como de hábito, na linha de frente com seus subordinados, foi morto por estilhaço de granada chinesa quando se encontrava em sua barraca, logo após ferrenho entreviro.

Já em 29 de junho de 1950, o governo australiano havia autorizado o emprego da fragata HMAS *Shoalhaven* e do destróier HMAS *Bataan* (esta última denominação era homenagem à defesa americana ate o último homem na península filipina de Bataan, nos primeiros dias da guerra no Pacífico durante a 2ª Guerra Mundial).

Pelo restante do conflito, a Austrália manteve sempre dois destróieres ou fragatas em águas coreanas. Em outubro, o porta-aviões HMAS *Sidney* chegou à Coreia

transportando dois esquadrões de *Sea Furries* a pista e um de *Fireflies*, todos fazendo parte do 20º Grupo de Aviação Embarcada. O *Sidney* era o único porta-aviões da Marinha australiana e o único capaz de empregar aviões de combate.

Os ingleses

A primeira grande unidade terrestre inglesa, a 27ª Brigada, ajudou a defender o Perímetro de Pusan. No total, nove regimentos britânicos operaram na Coreia, um deles, os imortais Glosters. As forças do *Commonwealth* ficaram, inicialmente, adidas, como unidades independentes, a divisões do *US Army* e foram, mais tarde, reunidas na 1ª Divisão do *Commonwealth* britânico (que incluía a 60ª Unidade Indiana de Campanha de Ambulâncias e Cirúrgica), designada para integrar o 1º Corpo dos EUA.

Depois das batalhas no Perímetro de Pusan, a divisão avançou para o Yalu, abriu uma brecha para acolher a 2ª Divisão dos EUA que recuava e suportou ataques de todos os lados em Kunu-ri, na Coreia do Norte, empenhando-se nas acirradas batalhas que barraram as ofensivas chinesas na primeira metade de 1951. A opinião generalizada entre os americanos foi a de que o Comandante inglês, General Sir Archibald James Halkett Cassels, e o Brigadeiro canadense, John M. Rockingham, personificaram o que havia de melhor na tradição militar do Commonwealth; os dois aliaram às suas virtudes militares tato e diplomacia exemplares em seus comandos combinados.



Soldados da 27ª Brigada britânica em marcha na Coreia

Existiam diferenças consideráveis entre a doutrina e a organização das forças americanas e inglesas. Uma delas era que os britânicos privilegiavam o topo das elevações para a defesa, enquanto os americanos preferiam ocupar as encostas para tirar melhor proveito do fogo cruzado.

O cometimento da *Royal Navy* foi também quase imediato. Poucos dias depois da autorização do Conselho de Segurança da ONU para a assistência militar à República da Coreia, uma frota da Marinha inglesa, procedente do Extremo Oriente e liderada pelo porta-aviões HMS *Triumph*, já conduzia operações militares em águas coreanas. Já em 2 de julho de 1950, o cruzador HMS *Jamaica* e a fragata HMS *Black Swan* participavam da destruição de cinco lanchas torpedeiras da Coreia do Norte, na primeira e única batalha naval da guerra, a qual constituiu um embate bastante unilateral. No dia seguinte, os aviões do *Triumph*, fundeado na costa oeste coreana, começaram a atacar alvos em terra e a realizar operações de patrulha antissubmarina em proveito da Força-Tarefa 77 anglo-americana. Foi também aproximadamente nessa ocasião que o primeiro navio-hospital, o HMHS *Maine*, começou a operar na Guerra da Coreia.

Não surpreendeu que a contribuição naval britânica só fosse excedida pela da US Navy. Não menos que quatro porta-aviões da *Royal Navy* (*Glory*, *Theseus*, *Ocean* e *Triumph*) operaram em águas coreanas, junto com o cruzadores *Belfast*, *Jamaica*, *Birmingham*, *Kenya* e *Newcastle*, com os destróieres *Cossack*, *Consort*, *Cockade*, *Comus* e *Charity* (todos, obviamente, da Classe "C") e com outras belonaves da Marinha britânica.

A cooperação cerrada entre os estados-maiores navais americano e inglês fez lembrar coordenação semelhante ocorrida na 2ª Guerra Mundial, que incluiu a troca regular de recursos. Na realidade, toda a costa oeste da península coreana, até a latitude 39/30, ficou sob o controle do Contra-Almirante William G. Andrewes, da *Royal Navy*, que comandou todos os navios de guerra aliados do *Commonwealth* e não americanos e a maioria das outras forças navais da coalizão. Para aprimorar a ligação com a *US Navy*, o Almirante Andrewes estabeleceu seu QG do teatro de operações navais em Sasebo, o porto japonês que abrigava também o QG da armada americana.



Cruzador HMS Belfast disparando contra alvos na Coreia do Norte

Foram designadas missões para a *Royal Navy* na costa oeste da península porque a Grã-Bretanha reconhecia a existência da República Popular da China (PRC); quaisquer perambulações de belonaves do *Commonwealth* em águas da PRC poderiam ser dirimidas pelos canais diplomáticos estabelecidos (As ações navais na costa leste ficaram sob controle operacional da *US Navy*, e lá atuaram os navios de guerra

americanos). As forças navais americanas e inglesas engajaram-se em missões semelhantes de bombardeios, bloqueios e ataques navais e aéreos contra as respectivas áreas costeiras.

Em virtude de sua predominância nas águas ocidentais coreanas, as belonaves da *Royal Navy* tiveram significativa participação nos desembarques de Inchon e realizaram também manobras diversionistas ao longo da costa oposta. Com a virada no conflito contra a ONU, uma força de destróieres liderada pelo *Commonwealth* enveredou corajosamente pelo estuário do Rio Taedong, em condições climáticas desfavoráveis, para evacuar o pessoal de Pyongyang. Em uma outra operação ribeirinha, ainda mais arriscada, navios da *Royal Navy* entraram pelo estuário do rio Han, sob constante ameaça do litoral dominado pelos norte-coreanos, para realizar sondagens marítimas e colocar bóias naquelas águas pouco profundas e sujeitas a mares desconcertantes.

Mais ao norte, navios de guerra do *Commonwealth* ajudaram as guerrilhas norte-coreanas, apoiadas pelo UNC, nas suas operações partidas de pequenas ilhas na costa oeste da Coreia do Norte, mas foram incapazes de evitar a retomada por parte dos comunistas da ilha mais setentrional de Taewa-do, no final de novembro de 1950. Com o impasse no combate terrestre, as missões da Marinha inglesa resumiram-se também à rotina dos bloqueios, das operações de comandos e aos bombardeios do litoral. A *Royal Navy* e a *Royal Australian Navy* realizaram aproximadamente 25 mil surtidas aéreas.

Cerca de 3.500 combatentes da Marinha britânica serviram em qualquer momento do conflito, em alguns dos seus 34 navios de guerra nas águas coreanas durante todo o conflito. No cômputo final, a Grã-Bretanha, a Austrália, O Canadá, a Nova Zelândia, a Colômbia, a França e a Holanda contribuíram com o impressionante total de 5 porta-aviões, 5 cruzadores, 17 destróieres, 17 fragatas e numerosos navios de apoio para a causa da ONU na Coreia. E ao destróier canadense HMCS *Nootka* coube a honra de capturar um lançador de minas norte-coreano, a única belonave comunista aprisionada durante a Guerra da Coreia.

Carecendo de bases próximas da Coreia, a contribuição da *Royal Air Force* foi bem mais modesta, mas, ainda assim, bastante valiosa. Ela consistiu em aeronaves localizadoras de artilharia e de três esquadrões de grandes hidroaviões *Sunderland* de reconhecimento.

Os neozelandeses

A Nova Zelândia enviou um regimento de artilharia que proporcionou acurado fogo em Kapyong (e em outras ocasiões), embora tenha sofrido um ataque acidental de napalm da USAF e a despeito de nenhum de seus integrantes ter experiência prévia no tiro de artilharia quando a unidade desembarcou na Coreia. Na última fase do conflito, os artilheiros kiwis e um pelotão adicional de transportes continuaram prestando utilíssimo serviço até o final.

Os canadenses

O Canadá mandou a 25ª Brigada de Infantaria a três batalhões, que entrou em ação em 21 de abril de 1951. O primeiro batalhão a chegar foi o *Princess Patricia's Light Infantry*; mais tarde, no rodízio anual, os Princess Pat's foram substituídos pelo 22º (os tradicionais Van Doos franco-canadenses) e, depois, pelo *Royal Canadian Regiment*. A apressada conscrição dessa força canadense toda de voluntários deu margem a algumas anomalias. As seções de alistamento foram inundadas por voluntários. Os atarefados



Coluna de Shermans canadenses cruzando o rio Imjin em 1952

oficiais recrutadores realizaram entrevistas muito superficiais com os candidatos, e o resultado foi que cerca de 30% deles tiveram depois que ser afastados e diversos desertaram (mesmo antes de o contingente deixar o Canadá). Mas os que desembarcaram na Coreia constituíram uma força bastante respeitada que mostrou seu valor nas batalhas por indescritíveis

elevações e cristas, depois de dois anos de impasse no combate. O batalhão era, na essência, uma unidade autossustentada com suas próprias tropas de apoio logístico, médico e de engenharia. Contudo, os canadenses foram equipados com o modelo M4A3B8 do blindado americano Sherman, do qual os veteranos bem se lembravam dos tempos da 2ª Guerra Mundial.

A *Royal Canadian Air Force* contribuiu com o 426º Esquadrão de Transportes, equipado com os quadrimotores a pistão *North Star*, de fabricação canadense. Esses grandes aviões realizaram regularmente importantes missões de longo alcance entre a Base McCord da Força Aérea americana, situada no Estado de Washington, e o aeroporto de Haneda, no Japão. Os pilotos canadenses de caça ficaram adidos à 5ª Força Aérea americana e abateram 20 aeronaves comunistas.

Os canadenses e os ingleses destacaram tropas para sufocar rebeliões ostensivas nos campos de prisioneiros de guerra do UNC. Os dois contingentes ficaram espantados com a negligência que encontraram e julgaram que os americanos tentavam dividir a culpa por um dos erros de guerra mais embaraçosos do UNC; ambos os comandantes protestaram contra o fato de o UNC não ter consultado seus respectivos governos antes que suas tropas fossem despachadas para aquele tipo de missão. Não obstante, os contingentes passaram a cumprir imediatamente os deveres de guardas. (o primeiro-ministro inglês Clement Attlee deixou escapar, mais tarde, que, se os campos estivessem desde o início sob o controle inglês, jamais teriam ocorrido as sublevações.) Descontados esses pequenos incidentes, as tropas do *Commonwealth*, foram consistentemente elogiadas pelas suas correspondentes americanas, mesmo que estas últimas sempre questionassem a recusa dos *brits* em usar capacete de aço em combate.

X-X-X-X-X-X-X-X-X-X-X

Desejamos, em nome da AHIMTB/RS, aos nossos amigos, correspondentes, membros-efetivos e acadêmicos os melhores votos de um feliz e melhor ano novo de 2016.

X-X-X-X-X-X-X-X-X-X-X

Editor:

Luiz Ernani Caminha Giorgis, Cel
Presidente da AHIMTB/RS
lecaminha@gmail.com

Acesse os nossos sites:

www.acadhistoria.com.br
www.ahimtb.org.br

E também:

sitecastelobranco.com